

Pedro Franco, um cardiologista entre 50 médicos escritores

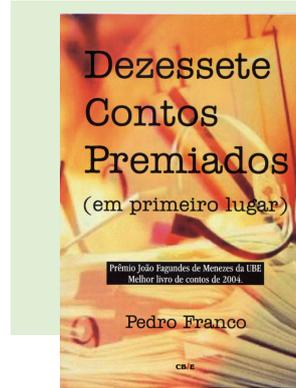
Para os 50 médicos que integram a “Sociedade Brasileira de Médicos Escritores”, escritos científicos não contam, mesmo que tenham centenas de páginas e descrevam pesquisas inéditas.

“O que vale mesmo são contos, poesias, crônicas, romances que geralmente não têm nada que ver com a Medicina”, conta o mais famoso cardiologista escritor, Pedro Diniz de Araújo Franco, cadeira 36 da Academia e que, meio envergonhado, reluta em contar que acumula 330 prêmios literários. É laurel muito mais gratificante que a fama que conseguiu como cardiologista, pesquisador – ele assinou 113 artigos médicos em revistas indexadas – e, principalmente, a fama que acaba de conseguir como... avô.

Professor da Escola de Medicina e Cirurgia da UniRio, cujo hospital também dirigiu, Pedro Franco conta que viveu recentemente sua maior emoção aos 71 anos de idade, quando sua neta entrou na classe, para assistir à aula dada pelo avô. “Eu já tinha sido professor de um filho, e foi gratificante”, conta ele, “mas quando minha neta, que cursa outra Faculdade, se inscreveu para assistir às minhas aulas, foi uma emoção indescritível”, conta ele, que durante todo o curso, as 16 aulas que deu para a neta, continuou profundamente emocionado, e orgulhoso, reconhece.

Curiosamente, porém, o dublê de cardiologista e escritor ainda não teve coragem de escrever sobre essa experiência. É que escrever envolve tanta responsabilidade, preparo e estado de espírito, que não dá para redigir algo de imediato. “Escrever é missão complexa” assevera, do alto de seus 40 anos de labuta como escritor, primeiro poesia feita enquanto ainda estudante e fraca, reconhece, depois contos, ensaios, até o mais novo desafio, escrever teatro, no ano passado, logo depois de ter ganho o primeiro prêmio de livro de contos de 2004, da União Brasileira de Escritores.

Até para o jornal da SBC o médico escreveu. Por três anos foi cronista da publicação, preparando artigos para o então editor, Carlos Eduardo Suaide Silva, que aliás não conhece pessoalmente. “Sempre nos falamos por telefone”, conta, discutindo artigos que resvalavam pela Medicina, mas enfocavam tudo, como no mais famoso, “A Medicina e a pasta rosa”, em que romanceia sua própria experiência com o primeiro eletrocardiógrafo, caríssimo então, que adquiriu e que não funcionava com determinado paciente, “a agulha ficava louca”. O motivo, conta ele com muito humor, era que o operário trabalhava numa galvonoplastia e a poeira metálica acumulada sobre o peito,



por falta de higiene, impedia o funcionamento correto do aparelho. A solução encontrada, após várias e caras checagens do equipamento, foi lavar o peito do doente com pasta rosa.

Para os muitos médicos que sonham em começar a escrever, Pedro Franco conta que, com o computador, tudo ficou mais fácil. “No tempo da máquina de escrever que eu usava como funcionário burocrático da Caixa Econômica, a máquina era tão lenta e o pensamento corria numa velocidade tão grande, que a gente perdia a idéia, antes de colocá-la no papel.”

O médico recomenda também que os novos escritores não cedam aos editores, a literatura é uma arte nobre demais para ser aviltada. Tanto é assim, que ele tem livros prontos que ninguém quer editar. “Os editores pedem que eu inclua sangue e sexo nas obras, mas me recuso.” Afinal, escrever não é simples, contos policiais, por exemplo, ele só pode escrever em fevereiro, quando passa as férias em Petrópolis e tem a tranquilidade necessária.

Todos os seus contos policiais têm como palco a Delegacia de Petrópolis, e cada autor tem uma relação especial com os investigadores que descreve, conta ele. E revela que Agatha Christie detestava o detetive Poirot, herói que inventou e que justamente por não gostar dele o apresentava como um belga ridículo, com um bigode inacreditável. O mesmo ocorreu com Conan Doyle, que matou Sherlock Holmes em três de seus livros e só o “ressuscitou” por insistência do editor. É por isso, explica, que fazer contos policiais exige paz, silêncio, uma introspecção profunda, um longo trabalho dentro de si próprio, uma experiência única, e que vale muito a pena.



Caduet*
anlodipino besilato/atorvastatina cálcica
5mg/10mg, 5mg/20mg, 10mg/10mg, 10mg/20mg

a primeira associação que trata múltiplos fatores de risco cardiovascular do paciente hipertenso com um único comprimido ao dia.¹

- ✔ Controle da hipertensão²
- ✔ Redução de DAC* fatal e IM* não-fatal²
- ✔ Redução de AVC*²
- ✔ Redução de procedimentos de revascularização e angina pectoris²
- ✔ Controle da dislipidemia²

*Doença Arterial Coronariana ▲ Infarto do Miocárdio * Acidente Vascular Cerebral

CADUET*: dupla eficácia.¹ múltipla proteção.¹



Referências bibliográficas: 1. Fishman WH, Zuckerman AL. Amlodipine/atorvastatin: the first cross risk factor poly pill for the prevention and treatment of cardiovascular disease. Expert Rev Cardiovasc Ther. 2004 Sep;2(5):675-81. 2. Bula do produto.

© Copyright Laboratórios Pfizer Ltda. 2006 *Marca Depositada. Todos os direitos reservados. Caduet* (anlodipino besilato/atorvastatina cálcica): Reg. MS 1.0216.0106 VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA. USO ADULTO. A minibula desse produto encontra-se no corpo desta publicação. A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado.

